

Um sonho de amor¹

Leda Rafanelli

Tradução: Carla Maicá Silva²

Ela tentaria não amar demais aquele jovem; sentia-se demasiadamente inferior. Ele avançava cheio de confiança para a vida, enquanto ela, quatro anos mais velha, tinha um temperamento austero e padecia de pessimismo. Naquele momento acreditava amá-lo como amigo, envergonhando-se de pensar nele de outra maneira. Mas, quando lembrou que os três jovens haviam combinado de vir à sua casa no dia seguinte, sentiu o sangue correr pelo coração, cortando-lhe a respiração, dando-lhe febre.

Não conseguia dormir. O relógio continuava tocando as horas, os quartos de horas, as meias horas, rapidamente, como se o tempo tivesse pressa de acabar. A jovem mantinha os olhos fechados e ficava imóvel tentando adormecer, mas no fundo negro das pálpebras, evocado pelo pensamento, ele ressurgia sempre, sempre, como um desafio à sua tranquilidade.

Quando o amanhecer clareou as janelas com seu primeiro alvor, Ana caiu em um sono intenso, sonhando com ele.

(...)

Eles tocaram forte a campainha, bateram a porta e entraram no cômodo que se encheu com as suas altas figuras masculinas. Ana sentiu um arrepio ao apertar a mão dele e logo notou, com uma ponta de orgulho, que os companheiros o estimavam muito, que o escutavam quando falava e, embora fosse o mais jovem de todos, inclusive que ela, ele tinha uma maneira tão convincente de falar que parecia mostrar uma longa experiência de vida.

Ana, feliz, respirava o eflúvio de tanta juventude, com o rosto vivificado, com os olhos que não conseguiam afastar-se dele. E estava feliz pela indiferença

¹ MORANDINI, G. Op.cit. p. 286-296.

² Aluna do VIII semestre do Bacharelado em Letras - Tradução em Português e Italiano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

dele, porque, assim, podia observá-lo à vontade e fixar na sua mente todos os detalhes de seu belo rosto, na esperança de podê-lo recordar para sempre e, com estas recordações, enfeitar os seus sonhos. Os seus olhos claros a enchiam de ternura, num desejo de fechá-los com beijos lentos, apaixonados, quase maternos, enquanto seus cabelos castanhos e abundantes, com suas pequenas ondas retorcidas proporcionavam-lhe um atordoamento voluptuoso, fazendo-a imaginar noites de amor, horas infinitas de beijos, que deixam os cabelos retorcidos como que abraçados entre eles.

Todos discutiram longamente sobre questões políticas, encontrando-se de acordo ora com Fábio, ora com ela. Entre eles surgiram as primeiras divergências. Haviam aberto alguns jornais sobre a mesa, tirado livros das prateleiras para criticar ou elogiar seus autores; haviam empilhado os chapéus em cima de uma cadeira e sujado todo o quarto com pegadas lamacentas.

Deste modo, haviam trazido ao quarto um toque de vida, com a desordem de suas vozes, com o fumo de seus cigarros. Às vezes, para serem entendidos, gritavam alto dos dois lados da mesa ou caíam em sonoras gargalhadas porque um deles havia expressado uma ideia equivocada. Somente Fábio estava mais contido, fumando lentamente, falando pouco desde o início, como alguém que pesa o valor das palavras. Ele falava ironicamente, escondendo o seu pensamento atrás de um simpático sarcasmo. Os seus olhos claros fixavam-se frequentemente como se aquele sonho íntimo que só ele conhecia apoderasse-se novamente dele. Depois, enquanto Ana expressava as suas idéias, ele interveio, falou, não aprovando muitas e muitas delas, sempre impetuoso na sua contestação.

Os dois divergiam em suas convicções e Ana deu-se conta rapidamente disso. Nela pulsava a alma rebelde, o desejo de uma vida de lutas, um profundo desprezo pelas batalhas estereis baseadas em *legalidades subversivas*. Ele, ao contrário, era o calculador, era o esteta que sentia uma secreta repulsão pela multidão esfomeada e gritante nas praças. Nas greves, ele só queria manter a calma afirmando que a solenidade do protesto sem um grito é mais forte que a revolta louca que berra e fere a inconsciência.

Ele odiava, com um ódio próprio aos seres superiores, as brutalidades contra o inimigo, a rebelião do indivíduo, o ímpeto revoltoso do incêndio e do saque. Ele queria as batalhas civis, as lutas eleitorais, as grandes discussões parlamentares, as conferências ouvidas com o respeito devido às personalidades mais marcantes. De outro modo, seria o *caos*. Para ele, o antiparlamentarismo de Ana era um pressuposto exagerado, uma ação negativa. Com que meios ela teria feito boas leis para os operários?

Mas a palavra *lei* acabou irritando os dois. Ana dizia abertamente que o proletariado não se importava com as “leis”, que ela definia como o novo grilhão a acorrentar o povo escravo. No seu ideal, não havia Estado, mas a liberdade completa, o triunfo da sociedade comunista.

Agora era ele que estava assustado, com seus grandes olhos maravilhados,

fixos sobre ela! Que sonhos de loucos! Somente o coletivismo poderia colocar a sociedade sobre uma base verdadeira! A produção regulada ao consumo, o consumo regulado ao trabalho. Não, não, não estavam de acordo.

A questão do divórcio desencadeou uma verdadeira tempestade. Nem mesmo isso ela aceitava? Nem mesmo aquela lei, boa e civil, ela iria apoiar? Mas quando ela disse que, se dois amantes ou esposos querem se deixar, eles não precisam de uma lei para fazer isso, ele balançou a cabeça com um sorriso de compaixão.

Era uma idealista! Agora ele entendia... Esta convicção, que para ele era tão regular e baseada em algo positivo, ela a convertia em um sonho utópico.

Estavam de acordo com a questão do antimilitarismo até que os métodos para combater aquela batalha os dividiram mais uma vez. Ele, de novo, aceitava somente a batalha parlamentar contra as despesas improdutivas. Ela protestava e se esforçava para fazer-lhe compreender a infertilidade de tal ação. Não, para ela, era preciso algo bem diferente! Era preciso fazer propaganda antimilitarista aos jovens e aos soldados e o resto viria sozinho. Por que esperar tudo do parlamento, dos meios legais, das lutas eleitorais?

Agora ela falava em voz alta, com o rosto vermelho, olhando-o com uma paixão ainda crescente à medida que o confrontava. Discutiram longamente, sempre divididos por suas almas desiguais, por suas mentes que concebiam o mesmo ideal de modo diferente. Ele desejava que as coisas funcionassem da melhor maneira possível, sem abalos dolorosos, sem lutas violentas. E enquanto ela falava da necessária distribuição da sociedade corrompida e desgastada, descrevendo com uma entusiasmada expressividade a luta futura, a morte inevitável dos combatentes pelos direitos contra os que negavam esse mesmo direito, Fábio, que estava sentado em frente à Ana, levantou-se e, erguendo a cabeça orgulhosamente, a interrompeu:

— Mas porque derramar sangue! Já não derramamos o bastante? Com a evolução natural dos homens, no futuro, os proletários conquistarão tanta *civilidade* — enfatizou esta palavra abrindo muito os seus olhos claros — e os burgueses compreenderão tão bem a situação, que as duas classes se reconciliarão sem necessidade de violências e de lutas... Politicamente, já avançamos neste caminho: nas últimas eleições...

Mas foi ela então que o interrompeu. Eis que ele se perdia novamente na ilusão da conquista do poder. A sua alma revolucionária não estava de acordo, elevava-se sobre estas tantas pequenas ambições satisfeitas, que a seguir eram chamadas *vitórias proletárias*. Por que se cansar, se esgotar, perder de vista a meta, para criar leis que precisaria desfazer? Era absurdo. Não compreendiam que as leis eram como grilhões que, com o tempo, precisariam ser rompidos, já que o contínuo progredir da humanidade pediria sempre mais liberdade e mais independência?

Depois riu e provocou gentilmente Fábio pelo seu otimismo: era linda a ima-

gem da burguesia que cede as armas e o poder em nome da igualdade humana. Os reis, claro, desceriam de seus tronos e depositariam os seus cetros e suas coroas sobre as bigornas, para que, com eles, fossem forjados discos de arado em ouro.

E, visto que todos riam, Fábio colocou um problema: diante da violência burguesa, era necessário usar a violência proletária?

Ana e mais um companheiro diziam que sim. Fábio e o outro diziam que não. E voltaram à eterna questão, que Fábio, mais uma vez, expôs falando de civilização, com os seus belos olhos abertos olhando o companheiro que discor-dava, como se, com aquele olhar, ele quisesse preparar a vitória da sua palavra. Mas todos mantiveram a mesma opinião e Fábio disse:

— Vejam, se votássemos como se usa nos parlamentos, ninguém seria ven-cido: dois votos de uma parte e dois da outra.

Mas Ana disse que a maneira de ver as coisas era também uma questão de caráter. — Os mais calmos lutam com os meios legais, os mais corajosos...

— Violentos! corrigiu, Fábio.

— Que seja então: os mais violentos, mesmo lutando com todos os meios legais não desdenham os extralegais. Talvez ambos façamos um bom trabalho: para quem colhe em feixe as espigas de trigo, que depois darão o pão ao homem, precisará sempre da foice que racha e corta sem piedade! E como querem fundar as novas bases da sociedade se o terreno é obstruído pelo inimigo e os cárceres são abarrotados dos nossos companheiros?

— É verdade — disse Carlos, um jovem inteligente e de temperamento calmo — mas temos a esperança que na luta final...

— Tudo bem, na luta final a aceitaremos — exclamou Fábio.

— Se a aceitarmos, temos a esperança que, na luta final, não se derrame tanto sangue...

— Nosso sangue! — completou a jovem.

— Ah! — disse Fábio balançando a cabeça — você é implacável. Você odeia! Você ama mais a morte que a vida!

— Não, não, exclamou a mulher — amo a vida, e é justamente para que ela seja bela para todos que eu aceitarei todas as lutas.

— Certo, agora estamos de acordo! — disse ele estendendo-lhe a mão — Eu também amo a vida, nada é mais bonito para mim, nada é mais desejável do que viver.

Ana olhava o seu belo rosto, os seus olhos luminosos, a bela figura esbelta e robusta. Sim, ele podia amar a vida, porque graças a ela ele iria conhecer todas as doçuras! A boa saúde o tornava calmo, a sua inteligência o deixava condescen-dente, a sua juventude e a sua beleza lhe permitiam todas as esperanças. Contudo, um pouco soberbo, ele não admitia que alguém pudesse considerar suas ideias equivocadas: quando isso acontecia, os seus grandes olhos claros tinham a frieza do aço e a sua voz fazia-se ríspida na ironia cortante das frases.

Quando os jovens foram embora, Fábio, apertando a mão de Ana, lhe disse

com um sorriso de homem superior:

— Os catastróficos são loucos, cara companheira! Para vencer é preciso cálculo, prudência e mente equilibrada, entende?

Ela sorriu não querendo levar a sério esta frase. Mas depois, sozinha, repensando no acontecido, pareceu-lhe uma primeira adaptação à ideia dele e isso a deixou triste.

Desde aquele dia, Ana admitiu que amava Fábio. Num primeiro momento, este amor a deixou feliz. Uma alma nova despertou nela e conheceu momentos de verdadeira alegria juvenil. De volta à fábrica, em vez de sentir medo, agora que o conhecia e não precisava mais passar horas na praia para vê-lo, trabalhava com o pensamento livre, a mão ágil desenhando com mais arte, vibrante de uma música que tocava no seu íntimo.

Ele estava em cada pensamento seu e ela parecia sentir-se envolvida pela luz dos seus olhos. Mas esta luz ainda não a fragilizava, ao contrário, lhe fervia o sangue e a incitava ao trabalho... E à noite, quando voltava para casa, sentia-se tão forte que achava mais fácil dedicar-se às suas ideias, escrevendo de forma mais ousada, mais rebelde, transformando frases em desafios.

Mesmo assim, ela não ousava esperar que ele a amasse. Ele era o ideal inatingível, mas que tornava a sua vida bonita. Naquele breve período, ela saboreou toda a volúpia de viver, observou e achou bonitas todas as coisas mais insignificantes que ela nunca havia observado até então.

Ao entardecer, olhando para o horizonte, ela gostava de sentir suas pupilas irradiarem-se com a luz vermelha do sol que emanava brilho e beijava o mar e bebia o perfume das flores com sensações voluptuosas. E pela manhã, indo ao ateliê, ela passava pela avenida, olhando as árvores com uma estranha curi-osidade, como se nunca as tivesse visto, sentindo-se leve e contente a ponto de perder-se pela rua, caminhando devagar, com as saias que arrastavam levemente no chão, aspirando a plenos pulmões o ar fresco e perfumado da manhã.

Já à noite voltava para casa pelo caminho do mar. Porém, não ia mais até a distante enseada, temendo de vê-lo novamente nu: agora que o amava, aquela carne lhe teria dado febre. Não, agora, passando pelo porto, sentava-se nos grossos pilares onde se amarravam as embarcações. Os barcos vermelhos e brancos, os marinheiros bronzeados, o sol, o cheiro salgado que o vento car-regava, o ranger das correntes, o som das sirenes, o leve balançar dos barcos presos tinham agora para ela um encanto especial, um senso de beleza antes desconhecido e que agora a fazia estremecer de ternura.

E agora ela também sentia uma intensa compaixão por todas aquelas pes-soas que lhe pareciam privadas de amor. Vendo as mulheres de uma certa idade, magras, mirradas, vestidas com alguma pretensão, sentia-se vencida pela piedade e pela comiseração. Como lhe comoviam aquelas pobres criaturas sem amor que via andar pelas ruas, envelhecidas e sem rugas, como definhadas em

uma longa e vã expectativa de um abraço fecundo! Pobres mulheres que, nos apagados olhos, não tinham mais nenhum raio de esperança e que andavam em direção a um futuro incerto, como se estivessem envoltas numa imensa tristeza. E agora que não se sentia mais igual a elas, a comoviam mais ainda.

Agora ela tinha a impressão de ter o coração cheio. Finalmente havia preenchido o seu pensamento apaixonado com um sonho alto e inatingível. Sentia que, agora, ao lado de seus ideais austeros, ela tinha a luz clara daqueles dois olhos radiantes que ainda lhe faziam provar o amor.

Desde a noite em que o conheceu, Ana encontrara Fábio pelo menos seis ou setes vezes mais: na rua, onde tinham trocado uma saudação rápida com um aperto de mãos que bastava para fazê-la feliz, nas sociedades operárias aonde os dois tinham ido para ouvir alguma palestra, ou à noite, no café, aonde ela também ia, agora que tinha conhecido aqueles novos companheiros.

Aliás, lá no café, uma noite, eles ficaram até uma da madrugada sem que nenhum deles se tivesse dado conta do passar das horas. Eles tiveram uma longa discussão ao redor da mesa, uma pequena mesa que sumia em um canto, longe da porta, no meio do ajuntamento de jovens sentados em volta. Falaram e riram muito, trocando palavras espirituosas e mordazes e expondo ideias paradoxais que provocavam coros de gritos e de protestos, os quais, como sopros de vento, varriam a névoa cinza da fumaça espessa dos cigarros. Eram os últimos dias de agosto e o calor ainda era sufocante.

Como voltava feliz para casa naquelas noites! Não sentia desejo algum, não pretendia nada mais. Mandava que a irmã fosse para a cama ou ficasse para conversar com os velhos companheiros, aos quais, muitas vezes, de um tempo para cá, ela preferia os mais jovens. E ela saía e passava as suas noites com o grupo daquela juventude simpática, cheia de vigor e energia, mas que escondia a seriedade das próprias ideias sob o sarcasmo do seu humor elegante. Naquelas mesinhas atravancadas de xícaras vazias e de restos de cigarros, eles ficavam por horas, criticando o mundo inteiro, rindo de todos; faziam os projetos mais estrambóticos e sustentavam os mais fantásticos paradoxos. Brigavam muito entre eles, mas esqueciam logo tudo, emprestando-se os seus cigarros, já que não podiam ainda se dar ao luxo de oferecê-los, apesar dos hábitos elegantes e das roupas na moda.

Quase todos tinham criado uma viva afeição à Ana, gostando sinceramente dela, já que não era bonita, considerando-a, justamente por isso, como um verdadeiro companheiro, acostumando-se a vê-la ali, sentada como eles num banquinho, com os cotovelos apoiados em um canto da mesa de mármore molhada de água e café. Quando ela falava, com a sua voz baixa e agradável, eles a escutavam com prazer, incitados pelo impulso da juventude, pronto a abraçar as ideias mais ousadas. Geralmente era Fábio que a enfrentava, com seu jeito irônico, sentindo por ela talvez uma leve antipatia.

Ainda que Fábio não estivesse todas as noites no café ou nas sociedades e

ainda que não o encontrasse sempre na rua, Ana estava contente assim mesmo. O amor que ela sentia por ele era tão profundo que ainda não provava o desejo ardente de possuí-lo. O amava como se ama uma coisa abstrata, distante, pensando nele como se ele fosse inalcançável. Por outro lado, agora, graças à tranquilidade que sentia novamente dentro de si e ao desejo satisfeito de tê-lo conhecido, de poder falar com ele, ela tinha voltado à luta por suas ideias com aquele ânimo que dá o remorso. Tinha quase a impressão que, por um instante, ela havia esquecido a sua meta e procurado avançar por um caminho diferente.

Agora voltava a trabalhar de dia e de noite, para seu sustento e pelas suas ideias, sustentada por aquele sonho que lhe dava a impressão de um raio vivo de sol no cinza de sua vida.

Eram os primeiros dias de setembro e nada era mais doce e sereno que aquele outono. No final de agosto duas fortes tempestades haviam refrescado o ar. Depois, houve uma sucessão de dias luminosos e serenos, com um mar calmo, abençoado pelos velhos pescadores. Era uma estação morna que dava uma sensação de doce sonolência.

Ana entregava-se a esse torpor de seus pensamentos, vivendo uma vida nova até então desconhecida. No início, ela não percebeu esta mudança e continuou a viver e a se sentir feliz e satisfeita.

À noite, depois do trabalho, Ana escrevia um pouco. Depois saía com seus novos amigos e aquelas duas horas de despreocupação estonteavam-na, aniquilavam-lhe os pensamentos. Em certos momentos, pensava que no passado ela tinha sido demasiadamente pessimista ao não enxergar nada de belo na vida. Por que era tão triste ao ponto de nunca sorrir? Era provavelmente por causa da sua alma cética que ela só escrevia coisas tristes e dolorosas, de miséria e de prantos.

Por isso, agora, quando escrevia, ela procurava fazê-lo de outra forma. Começou a escrever um conto de amor de cunho social. Um conto simples que, páginas após páginas, continha sua própria vida.

Naquele conto, sem perceber, falou dele, do jovem amado, relendo aquelas páginas a cada instante, como para não se cansar pensando com seu coração. Os seus jornais prediletos não contaram com a sua colaboração por algumas semanas e, quando solicitada pelos companheiros distantes, ela começava a escrever, sentia que as ideias não vinham, que as suas frases surgiam com dificuldade e que a sua pena havia perdido a força da sua rebelião.

Mas isso ainda não a atormentava: sentia ainda muita firmeza nas suas ideias que, aliás, ela preservava em si com uma paixão ciumenta, como se intuísse que só aquelas ideias poderiam um dia salvá-la.

Enquanto isso, abandonava-se ao sonho, sorrindo com um estranho sorriso levemente inconsciente. Parecia-lhe que se sentia mais jovem e mais feliz do que as outras vezes em que tinha amado. Parecia-lhe que estava caminhando numa

estrada plana e fácil, cheia de flores escondidas, mas que a atingiam com o seu perfume. Somente nos momentos de racionalidade, no fundo, ela via o abismo.

Mas com o passar dos dias, ela sentiu-se perturbada por não conseguir mais dedicar-se às suas ideias. Estaria ela deixando-se vencer e transtornar a tal ponto por esse amor que, desde o início, havia considerado impossível? E admitiu, aterrorizada, que as suas convicções estavam enfraquecendo em sua mente. Agora, só pensava nele, somente a lembrança daquele homem dava-lhe força para escrever. Mas não eram mais as palavras rebeldes que a sua pena escrevia sobre o papel, nas horas silenciosas da noite. A força e a ousadia que a haviam sustentado nos primeiros dias desse amor pareciam desaparecer agora em uma incerteza dolorosa. Quando, obrigando-se à reflexão, pensava nas questões sociais, de repente, ela voltava no pensamento àquilo que ele lhe havia dito na noite anterior. Quando escrevia para um jornal, levava uma hora para encher meia páginas de frases mal construídas, com os braços largados e a mente perdida em devaneios que nem mesmo ela compreendia. E quando tomava consciência do que estava acontecendo, ela não tinha coragem de convencer-se de que o bonito jovem moreno, com a vivacidade da sua alegre juventude, dominava a sua mente, descartando pouco a pouco as ideias severas e rebeldes que antes o moviam.

Quando ela tomou plena consciência deste deste, ficou arrasada. Foi numa noite em que um velho amigo, ex-jornalista, procurou-a para falar sobre o seu trabalho. Ela teria que passar um dia fora de casa, para combinar a fundação de um jornal com outros companheiros. Como ela era muito boa em cálculos, poderia ser de grande ajuda para aqueles bons operários que sozinhos nunca conseguiriam. Os operários o haviam convidado, mas ele tinha outro compromisso: ir a uma cidade vizinha, participar de um comício, que, segundo ele previa, acabaria em manifestação, que iria provocar a intervenção do exército. Portanto ele não poderia faltar.

Então, tinha pensado nela, confiante de que ela não se negaria. Era no próximo domingo. Estava livre e a viagem era curta. Iria?

Ela recusou. Era a primeira vez que, sem nenhuma razão, ela se negava a prestar serviço em prol da propaganda de suas ideias. Com voz fraca, em razão da luta que travava em seu íntimo, alegou um compromisso urgente e o companheiro acreditou. E como não acreditar conhecendo o seu amor pelo ideal comum.

Mas depois que Francisco, o companheiro jornalista, fora embora, após um forte aperto de mão, cheio de afeto por aquela moça que sabia ser boa e corajosa, ela se sentiu pequena, vil, mesquinha. Tinha se recusado de ajudar para persistir no seu tolo sonho de amor.

O amanhã¹

Neera

Tradução: Jorgeta Da Rold²

Achei que alguns poderiam torcer o nariz ao ler o título deste livro, L'indomani [O amanhã], vocábulo que não todos aceitam; e alguns críticos, como acontece algumas vezes, poderiam concentrar toda a sua acuidade ao frontispício, defraudando a obra de um exame inteligente, que é o melhor prêmio que todo escritor possa almejar. Mudar "l'indomani" com "il domani" não seria difícil. Mas daquele vocábulo, que me veio espontaneamente à cabeça junto com o conceito da obra, eu gostava com uma sorta de simpatia supersticiosa, além dele me parecer mais natural, mais vivo, mais eficaz, mais preciso. Mesmo assim, decidi pedir conselho, aliás, pedi muitos deles, conseguindo apenas aumentar as dúvidas, já que os partidários de il domani e l'indomani multiplicaram-se sem se fundir. A bem da verdade, Manzoni estava da minha parte, pois nos Promessi sposi, ele usa "l'indomani", e com um tal aliado podia entrar na guerra. Mesmo assim, quis ouvir a opinião de um jovem douto, poeta valente e famoso, que, desde Roma, divulga versos excelentes, no conteúdo e na forma. Eis a sua resposta:

"L'indomani teve muitos acusadores, entre os quais, Fanfani, e muitos defensores, entre os quais Nannucci e Gherardini. Alguns escritores famosos usaram esta palavra. A minha opinião é que, enquanto il expressa melhor um dia determinado, l'indomani exprime melhor um tempo continuado. Non si tratta mais de um preciso advérbio, mas de um verdadeiro substantivo. A

1 NEERA. *L'indomani*, Milano: Galli, 1889. O trecho traduzido foi extraído de NEERA. *L'indomani*. www.liberliber.it. p. 4-7 e, em parte (sem a apresentação da autora) de MORANDINI, G. op.cit. p. 158-164.

2 Graduanda no curso de Bacharelado em Letras - Tradução Português-Italiano, pela Universidade Federal do RS.